

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Letícia Brasil Freitas

Entrevistada: Gláucia Adriana Simões

São Paulo, 10 de junho de 2021

Duração: 29 minutos

Realizada na plataforma Zoom

Arte na educação especial

Letícia: Boa noite. Estamos aqui em 10 de junho de 2021. Vou entrevistar a professora Gláucia Adriana Simões, que permitiu o uso da sua imagem e das suas informações para essa entrevista, e acho que é isso, vamos começar. Primeiramente, boa noite, muito obrigada por estar aqui, por ter aceitado compartilhar seu conhecimento e as suas vivências, vamos começar então. É... gostaria primeiro que você se apresentasse, né? Seu nome, sua profissão, onde você trabalha, sua formação... pode se apresentar.

Gláucia: Boa noite. Eu é que me sinto, assim, lisonjeada, né? Em poder contribuir com a sua pesquisa. É... meu nome é Gláucia, eu sou professora de arte e formada em educação especial com ênfase em surdez, e também em guia intérprete com surdos com surdocegueira. É... hoje eu atuo como guia intérprete, este ano eu estou atuando como guia intérprete, né? De uma aluna surdocega.

Letícia: Certo. Obrigada. É... o que levou você à... que te inspirou né? O que te levou a trabalhar com a educação especial? Como foi esse processo?

Gláucia: Bom, é... há alguns anos atrás, logo quando começou a surgir essa história de inclusão social, é... eu atendi um aluno com autismo na..., logo quando eu comecei a minha carreira, e aí eu fiquei muito curiosa, porque eu queria entender como ensinar alguma coisa pra aquele menino que não sentava, não se concentrava, e aí eu passei a me desafiar, a tentar, né? É... chamar a atenção dele, a tentar acalmar, tentar fazer com que ele pegasse numa caneta, num lápis, num papel... e eu comecei pela música, e eu percebi que eu conseguia seduzir aquele aluno pela música, né? através da música, e... ele se acalmava, ele prestava atenção, ele exigia mais, né? E aí eu fiquei pensando... nossa, eu acho que é isso que eu quero pra minha vida, eu quero entender o que se passa na cabeça deles, pra que eu possa... ensinar alguma coisa pra eles.

Letícia: Legal! Muito bonito isso. É.. vou continuar, porque aqui a gente está mais pra escutar mais você também. É... em relação ao trabalhar na área de educação especial, quais são os pré-requisitos pra você conseguir atuar na área? Tem alguma questão de legislação? Como funciona?

Gláucia: Certo. Bom, eu trabalho em uma EMEBs, né? Pra quem não sabe, as EMEBs são escolas é..., é uma escola municipal de educação bilíngue para surdos, bilíngue porque é

português escrito e Libras sinalizado, então, pra você conseguir trabalhar numa EMEBs, você tem que ter uma pós-graduação, né? Uma formação em surdez, tem que ter um total de horas em Libras... e só assim você consegue pedir remoção ou conseguir trabalhar por contrato em uma EMEBs e... no meu caso, a minha formação é de educação especial, né? Com ênfase em Libras, então, na minha pós-graduação eu já tenho é... a formação em educação especial, só que aí eu comecei a trabalhar com os surdos, né? Na escola, e eu percebia a presença dos surdocegos, né? E para trabalhar com um aluno com surdocegueira, você precisa fazer um curso de guia-interpretação, né? Que é um curso voltado para trabalhar com surdocegos, e nesse caso não seria só na área da educação, né? No caso eu posso acompanhar qualquer surdocego pra interpretar é... uma audiência, é... uma palestra, né? Então, eu posso acompanhar qualquer surdocego pra isso.

Letícia: Certo. É...em relação ao local em que você trabalha, se puder falar um pouco mais sobre, qual é a sua escola..., onde ela se localiza... , né? Mais ou menos o perfil de alunos... como é que...

Gláucia: O nome da minha escola é EMEBs Helen Keller, ela está localizada no bairro da Acimação, é a primeira escola pública de educação bilíngue, né? Voltada para alunos com surdez, é...ela já tem assim, acho que são 75 anos, se eu não me engano, é uma escola com bastante já... tradição, né? Na educação de surdos, ela passou por todo o processo de educação de surdo, né? Começou atendendo os surdos na... na base do oralismo, passou pela comunicação total, e agora é uma escola bilíngue para surdos. O que mais eu posso dizer sobre ela?...É...os alunos que lá estudam não são alunos que moram no entorno da escola, tá? Visto que é uma escola centralizada, então, nós recebemos alunos de todos os locais de São Paulo.

Letícia: E... qual é mais ou menos a quantidade de estudante lá? A quantidade de surdocegos...

Gláucia: Olha, eu acredito... que... a gente atende alunos do ensino... da educação infantil até o ensino médio, e eu acredito que no período da manhã nós temos aproximadamente uns 100 alunos... e o período da tarde... aproximadamente uns 50 alunos, não são muitos alunos, por quê? Porque cada turma tem, no caso, ensino médio, né? Que é a turma que seria mais volumosa, tem no máximo 15 alunos, pro ensino fundamental II, nós temos no máximo 12 alunos, e pra educação infantil, né? E ensino fundamental, 10 alunos, né? Já é uma quantidade reduzida.

Letícia: Sim, é...ai vou pedir para você me contar um pouco sobre as características que você achar relevante sobre os estudantes ou sobre a estudante que você está trabalhando assim, no momento, assim ou algum que você também tenha trabalhado no passado, mais ou menos o perfil desses estudantes.

Gláucia: Tá, bom, o perfil da minha escola, ela atende é..., todos os alunos precisam ter surdez, né? Comprovada por laudo, e além da surdez, muitos alunos apresentam outras

deficiências associadas, né? Então, nós temos alunos com múltiplas deficiências também. É... hoje eu atendo, né? Uma aluna, que ela é surdocega e ela tem Síndrome de Charge, né? Então, devido à Síndrome de Charge, ela possui a surdocegueira, né? Então, ela tem deficiência intelectual também.

Letícia: É... e a Síndrome de Charge assim, o que seriam exatamente as consequências?

Gláucia: A Síndrome de Charge é... ela é uma síndrome..., deixa eu ver como é que eu vou te explicar... ela mexe com os órgãos é... ela, a cegueira, né? A cegueira, e a falta da audição são algumas da...das... como é que eu posso dizer... a cegueira, a falta de audição são algumas das características da Síndrome de Charge, assim como a má formação, é... do aparelho digestivo e do aparelho reprodutor.

Letícia: E essa estudante que você trabalha atualmente, qual é a idade dela? Em que ano ela tá?

Gláucia: O nome dela é Beatriz, né? Ela tem 17 anos e ela está no Ensino Médio agora, ela está no primeiro ano do Ensino Médio.

Letícia: É... em relação à surdocegueira, especificamente, quais é... como as características que você colocaria como importantes pra gente considerar, né? Pra se considerar pra pensar a educação desses estudantes?

Gláucia: É... pensando em surdocegueira, a gente tem que pensar que cada aluno é único, por exemplo, a Beatriz, ela tem a Síndrome de Charge, o que leva à deficiência intelectual, então, como ela a gente tem que pensar coisas para que ela consiga realizar, né? Então, por exemplo, eu não posso exigir que ela faça uma avaliação reflexiva, porque ela não vai fazer, ela responde a poucos comandos, na verdade ela não consegue nem responder, né? Ela ainda não tem nem, é... como se diz? Língua, né? Então, ela ainda tá nessa aquisição linguística, né? Então, o meu trabalho com a Beatriz hoje é comunicação, então, eu estou tentando inserir sinais, é... tentando estabelecer comunicação com a Beatriz, então, o que é que eu desenvolvo com ela? São atividades funcionais, onde a gente começa a atividade assim, é... voltada para que ela possa compreender certos processos, então, eu vou dar alguns exemplos: na Páscoa, ao invés de eu mandar pra ela um ovo de Páscoa de presente, que que eu fiz? Eu mandei uma barra de chocolate e uma forma de chocolate, pra quê? Pra ela entender que ela pode derreter o chocolate e fazer o chocolate dela da Páscoa, né? Então, ela faz essa atividade junto com a mãe, pra ela compreender certos processos. Então, é... outra atividade que eu desenvolvi como ela, contação de história, então, ela participa de todo o processo dessa contação de história, primeiro ela precisa conhecer os elementos, né? Então, no caso, a gente trabalhou a Lenda da Mandioca, então, eu apresentei mandioca, ela teve que tocar, ela teve que cheirar, ela teve que experimentar, né? Pra ela compreender que, né? O sinal está relacionado com aquele... com aquele produto que ela que ela tá manuseando, e aí a gente confeccionou todos os personagens, né? A gente fez os bonequinhos, ela participou da... do corte, da costura, do encher, do fechar, o decorar, então, ela participa de todo o processo pra que quando chega no

produto final, ela entenda tudo o que aconteceu, qual foi todo o processo pelo qual a atividade, é... passou.

Letícia: Muito bom, esse relato deu até uma adiantada assim, em umas questões aqui, mas maravilha. É...

Gláucia: Se quiser eu repito e a gente vai editando!

Letícia: A gente vai complementando, tudo certo. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre, é... como que é a rotina, né? Da sala de aula, de ensino com essa estudante, né?

Gláucia: Com a Beatriz, é extremamente importante trabalhar as questões da rotina, então, ela precisa ter uma sala de aula que a gente chama de sala de acolhimento, né? Então, apesar da escola trabalhar em sistema de rodízio, né? De salas, é... esse aluno surdocego, ele tem uma sala fixa que é para o acolhimento, né? Porque ele precisa trabalhar essa questão da rotina, né? ele tem que saber que aquela sala é a sala que ele vai sentar, que ele vai descansar, que ele vai se organizar, né? na sala de aula nós temos é... uma rotina que a gente chama de calendário tá? É chamado de calendário pelos estudiosos da surdocegueira, nesse calendário a gente organiza os dias da semana, então, pra poder trabalhar essa questão da rotina mesmo, né? [demonstra uma fala com estudante]: Hoje é segunda, amanhã é terça, entendeu? Ontem foi domingo. Então, a gente precisa trabalhar toda essa questão da...da rotina, e ela trabalha também, ali eu tenho cards, onde eu coloco tudo o que vai ser feito naquele dia, então, o tenho o card onde ela é, agora nessa história de pandemia, né? Então não temos muitas opções de atividades na escola, então, ela tem o card, é.. do estudar, né? Que é o momento que ela sabe que ela tem que sentar e fazer alguma atividade, tem o card do café, né? Que a gente chama de café o intervalo, card do café, aí depois tem outro card de estudar, que ela sabe que ela vai ter que sentar e prestar atenção em alguma atividade, o card do passear, que a gente dá uma andada pela escola pra ela poder relaxar um pouco, e o card do comer, que seria do almoçar, aí ela sabe que na hora de comer, depois ela vai embora pra casa, né? Então, conforme a gente vai realizando as atividades, a gente vai tirando o card e colocando em um outro local, então, ela tira o card porque ela já encerrou a atividade, então, ela fica já esperando por isso, ela... primeiro ela olha tudo que ela vai fazer no dia e depois ela vai tirando pra ela saber qual é a próxima atividade.

Letícia: Sim, ótimo. É...eu vou pedir para você falar um pouco mais detalhadamente como funciona a comunicação, né? Com essa aluna, como vocês se comunicam?

Gláucia: Tá, no caso da Bia, é... a gente, eu uso diversos tipos de comunicação, então... porque ela tem um resíduo auditivo e ela tem um resíduo visual, então, primeiro a comunicação principal é a Libras Tátil, né? Eu pego na mãozinha dela e faço os sinais na mãozinha, mas pra haver um estímulo auditivo eu também falo bastante com ela, né? Então, eu falo, eu uso a Libras Tátil, e... só, é Libras Tátil e Fala Ampliada que a gente chama, né? Quando a gente fala bem próximo da... da pessoa com surdocegueira, se chama Fala Ampliada.

Letícia: Uhum, E... não só em relação à Bia, mas também em outros estudantes que você tenha trabalhado, como é que é esse processo, né? De conhecer as individualidades de cada estudante, né? As características dele e como que isso tem um impacto sobre o processo, né? Da prática pedagógica? De preparar aula, enfim.

Gláucia: Bom, é... é importante que a gente observe, que a gente conheça qual é a deficiência de cada um deles, né? Qual é a outra deficiência associada pra que a gente possa é... focar numa atividade apropriada pra cada estudante. Então, o que acontece ali na minha escola, a minha escola é muito pequena, e a gente acaba conhecendo todos os alunos, né? Então, a convivência, o dia a dia faz com que a gente conheça todos, por nome e sobrenome, né? Às vezes até os alunos que não são nossos, a gente conhece, então, o que acontece com a Beatriz, a Beatriz, eu atendia ela nas minhas aulas de arte, então, eu já conhecia a Beatriz, eu já sabia o jeito, eu já sabia quais eram as preferências, é... eu já sabia quais eram as estratégias, porque eu também observava muito a outra guia intérprete que trabalhava com ela, né? Então, a gente, pelo menos comigo, funcionou muito essa coisa de observar, de tentar, porque muitas vezes eu tentava ficar com ela, né? E a Beatriz, ela também, ela dá muitas pistas do que ela quer fazer, então, quando ela quer levantar pra cantar, você vai ter que levantar pra cantar, porque ela meio que exige aquilo entendeu? E... eu não sei explicar, gente, eu não sei explicar como que é, mas é uma coisa assim que eu consigo compreender, eu sinto, eu acho que vai além de tudo aquilo que eu estudei.

Letícia: Lindo isso. Agora, você já comentou um pouco, mas eu queria que... pedir pra você falar um pouco mais sobre os seus métodos de ensino. Você pode falar como você articula, como pode ter uma relação com o currículo regular, como é que você desenvolve material, como é esse material, né? Como que se aplica ao estudante, né? Como ele responde, assim, o que você achar importante.

Gláucia: É, eu trabalho com eixos temáticos, tá? Eu costumo dizer que eu não consigo trabalhar sozinha, então, o que acontece, a escola sempre estabelece um tema para o ano, e dentro daquele tem, é...eu vou preparando ali as atividades, vão surgindo as ideias. Então, no caso da Beatriz, o foco é comunicação, então, eu vou fazendo tudo, né? Eu vou preparando as aulas pra que eu possa estar inserindo sinais, né? Entã,o agora no caso da Lenda da Mandioca, então, ela aprendeu o sinal de mandioca [realiza sinal], o sinal de costurar [realiza sinal], é... que mais? O sinal de indígena [realiza sinal], né, que na verdade não é esse [realiza sinal], mas pra ela fica muito difícil fazer, né? O arco flecha [realiza sinal], então, eu simplifico dessa forma, então, eu vou colocando, é... os sinais pra eu possa estar desenvolvendo essa comunicação. E toda vez, toda aula, além da aula planejada, a gente tem o momento da fofoca, que a gente conversa, tudo isso faz parte da aula porque? Porque é um desenvolvimento linguístico, né? a gente vai conversando, vai repetindo, e ela presta atenção, né? Na verdade é o melhor momento do dia, porque o que ela mais gosta é isso, ela fica prestando atenção, porque ela presta atenção em sinal, ela... ela se interessa por conversar, por tentar compreender, ela só não dá muita resposta, mas ela se interessa.

Letícia: E... assim, se você detalhar um pouco mais como são esses materiais, né? que você prepara pra trabalhar com ela.

Gláucia: Tá, todo material é produzido, é... pelos professores, né? Junto com os alunos, porque não faz sentido a gente levar um material pronto, né? Então, a gente, é... determina que todo material tem que ser feito com o aluno, pra que ele se aproprie daquele material, né? Então, os cards da rotina, eu fiz junto com ela, é... ela tem também um calendário onde marca os dias que ela vai ter aula e os dias que ela vai ficar em casa, que isso pra ela também é muito importante, porque ela fica em casa esperando o dia da escola, a ponto assim, de acordar e querer colocar o uniforme e ir pra escola, então, ela precisa saber que [demonstra fala com estudante] “Oh amanhã não tem aula, amanhã é casa, né?”. Então, ela tem um calendário que ela vai acompanhando, por conta da quarentena, eu não desenvolvi tantos materiais assim com ela, apenas do projeto da Lenda da Mandioca e de aniversário, que a gente fez junto, porque também é importante ela saber que aquele dia é o aniversário dela, então, a gente desenvolve atividades pra ela saber, né? Então, com velas de aniversário, tudo tátil, tudo com textura, e... deixa eu ver que mais que eu posso estar falando sobre material, é isso, é a gente que produz ao lado do aluno.

Letícia: É... se você talvez quiser descrever alguma experiência específica, né? Algum material, alguma aula específica que você tenha desenvolvido, você já falou um pouco assim, mas se você quiser descrever alguma aula que tenha sido, assim, mais marcante, enfim.

Gláucia: Eu acho que até o aniversário dela foi uma aula interessante, porque antes, né? Da data do aniversário, eu produzi todo um material pra que fizesse toda essa... é... como eu posso dizer? Essa antecipação, né? Do que estaria para acontecer, aí ela trabalhou o material com a mãe, né? No caso, à distância, eu enviei velinha, é...bolo, tudo tátil, né? E aí no dia do aniversário eu preparei uma festa mesmo, eu em casa, né? Com balão, com bolo, eu fiz um bolo pra ela, a gente cantou parabéns, e ela entendia, ela ficou muito feliz, porque foi a primeira vez que eu atendi ela online, né? Então, ela compreendeu, ela sabia que era eu, né? Gláucia, que ia tá conversando com ela, e ela tava muito feliz, ela tava compreendendo tudo aquilo, que era a festinha dela, né? E..., que mais? Agora no retorno, quando ela retornou, foi bastante complicado, porque nesse retorno, ela voltou sem a rotina, sem o costume de escola, então, foi muito complicado conseguir, até agora eu ainda tô tentando impor a rotina dela, tô tentando trabalhar essa rotina dela, porque ela precisa voltar a se acostumar com o ritmo da escola, então, o que que acontece, é... ela não pode ser contrariada, que isso faz parte da síndrome, né? Dela, se ela é contrariada, ela se automutila, e é o que fica muito complicado, né? De se tentar impor alguma coisa assim se maneira mais rígida, né? Então, a gente tem que ir cantando, brincando, porque ela se morde todinha, ela se belisca, ela tem toda essa área do corpo [indica região do colo] até assim o peito, toda cheia de cicatriz por beliscões, né? Então, pra que a gente possa evitar que ela se machuque, então, a gente vai tentando impor a rotina, mas sem muita rigidez, né? Então, é aos poucos, a gente vai trabalhando. Então assim, uma atividade mesmo, eu demoro 10 minutos pra realizar com ela e é o tempo, assim, mais que suficiente, é o tempo limite que ela aguenta, uns 10 minutinhos fazendo atividade.

Letícia: É isso que eu ia perguntar, em relação ao tempo, né? E como é que acaba ficando, é... como é que funciona, né? Esse ritmo de aprendizagem, esse ritmo da aula, né? Quanto tempo você fica trabalhando em determinado assunto...

Gláucia: É devagar, é muito devagar, você tem que ter bastante paciência, não dá pra ter muitas expectativas, por exemplo, hoje, na aula de hoje, eu não consegui fazer absolutamente nada, porque ela tem um problema no aparelho digestivo e ela tava cheia de cólica, cheia de dor, ela me beliscava, ela batia com a cabeça assim, contra a parede, então, assim, não dá pra você exigir nada dela num dia onde que ela não está bem de saúde, né? Então assim, hoje o dia foi cantar, andar, passear, e atividade nenhuma, então, você tem que ter assim, muita paciência, calma, expectativa nenhuma, e assim, a gente tem objetivos com aluno? Sim, temos objetivos, mas nem sempre os objetivos vão ser alcançados no mesmo dia ou no mesmo ano, talvez a gente perceba os resultados daqui uns dois, três anos, de tudo do que a gente trabalhou, né? No dia de hoje, é um processo bem lento, bem demorado.

Letícia: [inaudível] Caso você não tenha falado ainda, se quiser acrescentar alguma coisa, mas como as Artes Visuais, elas acabam entrando assim, na sua aula, na sua construção de aula, enfim.

Gláucia: É... é tão engraçado, né? Porque assim, eu atribui as aulas da Bia, né? Como guia intérprete esse ano, e aí assim, os trabalhos dela são feitos agora por uma professora formada em arte, né? E eu tenho aquela coisa do capricho, é... eu tenho aquele senso estético mais apurado, né? E aí assim, é visível a diferença nas atividades, na produção do material, né? Então, eu tento colocar elementos como a costura, a própria costura, eu levo a minha máquina de costura, coloco lá à disposição dela, eu procuro fazer atividades que tenha esse... essa... como que eu posso dizer? Essa coisa artística, né? Eu sempre tenho, é... não tem como você fugir disso, né? Não tem como você tirar o professor de artes de dentro de você, então, eu procuro, eu penso, olha são, são histórias, é cultura, é... não tem como tirar, então, por exemplo, atividade de matemática, eu até fiz, eu pedi pra uma amiga: [demonstra pergunta para amiga] “Você me ajuda como a atividade de matemática?“, mas não faz parte de mim aquilo entendeu? Mas fiz atividade de matemática, fiz atividade de português, mas o que eu mais trabalhei com a Bia foi atividades de arte.

Letícia: É... não estava [no roteiro da entrevista], mas como você também adapta essa questão de o que não é arte pra...que não seja uma atividade de artes, como funciona?

Gláucia: É complicado, porque assim, na verdade, não sou eu que tenho que ensinar pra Bia, na verdade o que eu tenho que fazer é... é acompanhar nas aulas, então, eu sou os olhos e os ouvidos dela, eu só preciso passar pra elas as informações que o professor passou, mas o que acontece? Em tempos de pandemia, a Bia não fica com a máscara no rosto, então, eu fico isolada com ela, e eu vou criando as atividades com ela, e eu peço ajuda dos professores dela, olha, então, a atividade de matemática: [demonstra pergunta à professor] “O que você sugere pra mim, pra que eu possa trabalhar com a Bia em relação à matemática?” Então, o que a gente começou a trabalhar em matemática foi, é...quantidade, então, a gente tem umas pastas,

né? Pena que eu não tenho aqui pra mostrar, então, são pastas onde a gente cola com velcro, né? Então, de um lado tem a quantidade em termos de...de tipo, é tipo, vai... moedinhas [gesticula com mão esquerda], e aqui tem um numeral [gesticula com mão direita], então, ela tira com velcro e vai procurar o número de acordo com a quantidade [direciona a mão direita, como que segurando o material e leva até a mão esquerda]. Ela sabe fazer essa relação? Não. Então, por exemplo, 1 [faz sinal do número 1], aí ela procura o número 1, só que ela ainda não compreende que esse 1 significa uma unidade, então, atividades que a gente vai fazendo junto, né? Então, vamos fazendo, aqui vai repetindo, se repetindo, se repetindo, até que ela tenha consciência de que o 1 equivale a uma unidade, entendeu? Eu não sou muito boa em matemática, mas é... eu vou tentando fazer essas coisas.

Letícia: Ótimo.

Gláucia: E aí, por exemplo, ciências, né? Perguntei pra professora de ciências: [demonstra pergunta à professora de biologia] “O que eu posso trabalhar com a Bia em biologia, né?” No caso, não é nem ciência, é biologia. Aí ela falou: [demonstra resposta da professora] bom, com a Bia, você pode trabalhar o esquema corporal, então, é cabeça [toca na cabeça], tronco [toca no tronco], membros, então, eu criei, né? Uma bonequinha, também nesse mesmo esquema de pasta, aqui tá o corpinho [indica área à esquerda de seu corpo] e aqui está as partes, né? Os membros, né? Do corpo [indica área à esquerda de seu corpo], então, ela vai colando e montando como se fosse um quebra cabeça.

Letícia: Certo.

Gláucia: Tudo isso tem arte no meio, né? Porque aí tudo tem textura, tudo tem relevo...

Letícia: Bem tátil assim, é...também, caso você já não tenha comentado assim, e queria falar alguma experiência específica que tenha te marcado muito assim, na sala de aula, algum momento, algum material, alguma coisa assim... se vier assim

[problemas de comunicação devido a falha no microfone]

Gláucia: Várias experiências, eu acho que assim, é... dentro dessa escola, aí... eu tenho muitas experiências positivas ali. Então, logo quando eu entrei, é... quando eu comecei a trabalhar na EMEBs Hellen Keller, eu conheci um aluno surdocego chamado Gabriel, hoje o Gabriel já se formou no 3º ano do Ensino Médio, e o Gabriel, ele... eu acho que ele me mostrou o caminho pra surdocegueira, ele era um menino incrível, que ele nunca tinha enxergado nada e nunca tinha escutado nada, e ele fazia assim, exatamente tudo o que você pedia pra ele, se você desse uma massinha de modelar na mão dele e falasse assim: [demonstra fala com aluno] “Olha, modela pra mim um passarinho?”. Ele ia lá, e modelava um passarinho, e eu não sei de onde que ele tirava o exemplo do passarinho, aí uma vez me falaram que levaram o Gabriel pra um passeio, e era uma espécie de uma fazendinha, e aí ele tocou um cavalo, ele foi tocando o cavalo pra conhecer o cavalo, né? E aí quando chegou na parte traseira do cavalo, a pessoa que cuidava, né? Do cavalo, falou assim: [demonstra fala da pessoa] “Olha, é bom ele

não tocar na parte traseira, que senão ele pode levar um coice”. E aí pararam, né? Falaram assim: [demonstra fala] “Agora não pode mais, que você pode se machucar”. Aí quando ele voltou pra escola, ele foi desenhar o cavalo, ele desenhou até a metade, ele não conseguia desenhar o resto, mas ele desenhou até a metade, o cavalo. Então, são essas coisas assim que... que marcam bastante, né? Aí deixa eu pensar mais alguns episódios... ai gente são tantos, são tantos...

Letícia: Tranquila, assim, você pode falar o que você achar relevante, se não quiser tudo bem, fique à vontade.

Gláucia: [inaudível] É...porque assim, eu sempre trabalhei com projetos ali na escola, né? Então assim, projeto de stop motion, que a gente fez com as lendas, é... e assim, o que eu acho muito interessante desse... desse tipo de projeto, né? Que a gente monta assim vídeos e contações de histórias com eles, é porque eles criam o material deles, né? Na língua deles, né? Então, por exemplo, a história da Iara em stop motion, foi a coisa mais fofa que eles fizeram, né? E... que mais? A gente até apresentou na... em uma das bienais que teve, que tinha um espaço, né? pPa apresentar atividades da escola municipal, e nós apresentamos essas atividades pra eles, é... eles gostam muito de coisas assim, de terror, tudo, e a gente numa época de folclore, a gente fez aquela lenda urbana da loira do banheiro, mas aí eles se apropriaram da loira do banheiro e falaram: [demonstra fala de estudantes] “Não, não, vai ser a surda do banheiro”. Então, tá bom, e aí eles criaram a história deles como se fosse uma fotonovela assim, sabe? Um... e é bem bacana, essas atividades assim, me marcam muito, porque assim, eles curtem fazer essas coisas.

Letícia: Incrível isso do stop motion, nesse caso, é... são também assim, estudantes surdos, né?

Gláucia: Sim.

Letícia: Nossa, é que assim, eu adoro animação, né? Pra mim parece algo...

Gláucia: O.. o Gabriel, o Gabriel fez, é... surdocego, fez uma parte do stop motion, eu tenho... se você tiver tempo eu te mostro aqui.

Letícia: Claro!

Gláucia: Porque ele fez as letrinhas, a abertura do stop motion, ele fez "EMEBs Hellen Keller", fez toda a letrinha.

Letícia: Eu tenho sim, se for possível mostrar... Seria ótimo.

Gláucia: Mostro, eu vou... vou achar aqui, porque é uma coisa assim de chorar.

[dificuldade com compartilhamento de tela em vídeo chamada para exibição de vídeo comentado e combinado de compartilhamento de materiais após entrevista]

Gláucia: Aí porque é a coisa mais linda do mundo!

Letícia: Para depois eu acho que seria um material interessante, então, se você quiser só falar um pouco mais... ou só mandar... eu acho que já...

Gláucia: Então, é... o Gabriel, ele fez essa abertura do stop motion, né? Com as letrinhas, né? Com o alfabeto manual, então... a gente pedia pra ele fazer o H [faz sinal de H em Libras], ele sabia o que ia acontecer, ele sabia que ele ia fazer as letrinhas, né? Da... da..., que ia escrever o nome da escola, então, a gente pedia, por exemplo, o H, ai ele fazia o H, ele ficava testando na mão dele [demonstra toque na mão para tatear sinal de H] assim, e ele fazia todas as letras do mesmo tamanho, ele...ele media a letra anterior, pra que ele pudesse fazer a letra do mesmo tamanho, então, é muito interessante olhar esse vídeo, aí depois na hora que a gente foi montar o stop motion, a gente foi colocando a letrinha, então, foi aparecendo, né? As letrinhas que o Gabriel fez, até pouco tempo atrás eu tinha guardado, mas acabou mofando, mas assim eu queria ter guardado mesmo.

Letícia: Colocar um anti-fúngico assim [risos]

Gláucia: [Risos]

Letícia: É... Bom, mas é incrível isso, é... ai assim, talvez perguntar um pouco mais, talvez você também já comentou no meio da conversa, em relação às adaptações, né? Em função da pandemia, né? O que que foi possível fazer...ou não, como é que isso mudou na rotina assim, de aula?

Gláucia: A pandemia atrapalhou muito, porque assim, o surdo ele precisa da convivência, ele precisa é...do uso de Libras, e muitos deles não tiveram é... acesso à língua durante a pandemia, por que? Porque as famílias, a maioria das famílias não sabem Libras, não sabem usar a língua deles, então, eles ficavam isolados linguisticamente, isolados de verdade, porque muitos não têm acesso a celular, não têm acesso a computador, né? Não conseguia assistir às aulas online, e aí eles ficaram bem isolados, a ponto de um aluno voltar esses dias pra escola e perguntar pra mim: [demonstra fala de estudante] “Por que que todo mundo tava usando máscara? Por que máscara? Por que mamãe usa máscara?”. Porque ele passou esse ano inteirinho sem ter a informação de que estava acontecendo, tava tendo uma pandemia, que tinha uma doença, ele não teve nenhuma informação. É... e aí assim, a pandemia atrapalhou muito em outro sentido, eles retornaram, só que é impossível a gente seguir os protocolos com o aluno surdo, não tem como não tocar, não tem como não se aproximar, né? Então, assim, seguir protocolos de distanciamento com aluno surdo é impossível, a gente tem que chegar perto dele sim, não tem como. E a rotina, o que que mudou? É porque assim, ah é tão difícil, acho que é pra todo mundo, né? Foi difícil, que metade tá em casa, metade tá na escola, e aí você não sabe o que que você trabalha, você não sabe se dá mais atenção pra quem tá em

casa, se você dá mais atenção pra quem tá na escola, né? Então, foi isso que, que eu senti dos meus colegas, eu não to trabalhando com as turmas, né? Nessa pandemia, eu só to com a Bia mesmo, mas mesmo com a Bia, é muito complicado, com a Bia é mais ainda, porque imagina você trabalhar com um surdocego à distância? Então, eu preciso do apoio total da mãe, né? Eu mando as atividades, na verdade quem faz é a mãe, quem faz o sinal com ela é a mãe, então, assim, eu ainda tenho que agradecer pelo fato de que essa mãe é uma mãe consciente, é uma mãe que estuda Libras, é uma mãe que se dedica, é... porque do contrário, eu não conseguiria fazer trabalho nenhum com a Bia, né? Porque é uma questão de vínculo também, como você vai manter esse vínculo com um aluno surdocego que você não consegue tocar? Você não consegue, né? Se comunicar com ele de maneira adequada, porque ela enxerga um pouquinho, mas não é o suficiente pra que ela compreenda tudo o que eu estou falando, então, é bem complicado.

Letícia: E isso alterou também a questão do tempo de aula, né? Frequência?

Gláucia: No caso da Bia não, por que a Bia, ela... ela sempre foi pra escola com o Atende, né? Que é aquele transporte destinado pra pessoas com deficiência, e o Atende nunca chegava às 7 horas da manhã, né? Porque eles têm um horário, e tem uma, uma rotina tal, então, ela sempre chegou na escola é... umas 7:50, 8:00 horas, e... ela tem esse período de medicação, então, ela fica na sala de aula até as 9:15 h, que é a hora do café né, do intervalo deles, e aí ela fica na medicação, porque ela usa um bottom, né? Ela se alimenta via bottom, né? Que vai diretamente pro estômago, então, ela precisa receber toda essa alimentação, e demora um tempo, então, na verdade, ela volta pra sala de aula umas 10 horas, umas 10:10 h, e aí ela fica até as 11:20 h, porque ela não se alimenta junto com as outras crianças, né? Ela precisa ir antes pro refeitório, por quê? Porque senão ela vai querer a comida das outras crianças, e ela não pode comer a mesma comida, né? Então, ela vai embora mais cedo também.

Letícia: Certo.

Gláucia: Essa já era a rotina da Bia antes da... antes da pandemia. O que mudou é que ela ia todos os dias pra escola e agora ela tá indo só duas vezes por semana.

Letícia: Bom, agora eu queria perguntar o que você identificar e tal, e também se você não tiver falado, porque os assuntos se inter relacionam sempre, o que você tem aprendido, né? Com esse estudantes, que você gostaria de frisar, que você...um aprendizado com... com esses estudantes.

Gláucia: Paciência, é a gente, nossa... O que que eu aprendo com eles gente, eu... é a questão da paciência, é o amor assim mesmo, porque assim gente, eles são tão dedicados com a gente, eles são tão carinhosos, eles são tão atenciosos, esses dias mesmo eu tava trabalhando, eu tava substituindo uma professor no Ensino Médio, e assim, um aluno falou assim: [demonstra fala de aluno] “Ai professora, eu não to querendo fazer porque tá doendo a minha mão”. Eu falei assim: [demonstra sua fala] “Ah, mas faz, senão eu vou chorar, vou ficar triste”. Onde já se viu um aluno de Ensino Médio falar: [demonstra fala do aluno] “Tá bom, eu vou fazer ,então,

só pra senhora não ficar triste”. Sabe? Então, é umas coisas assim tão... que você não vê numa escola regular, o carinho, a atenção, é... eles chegam perto de você, eles gostam de você de verdade, porque eu acho assim, é em você que eles buscam a informação, né? É em você que eles confiam, né? É muito, é muito gratificante. Então, o que eu aprendo com eles, cada dia eu aprendo uma coisa, cada dia eu aprendo uma coisa, e principalmente com os meus colegas, porque eu falo assim, eu não sou nada ali dentro, mas eu trabalho com pessoas que são, são extraordinárias ali, então, eu aprendo muito observando também, né? E é engraçado que assim, tem muitos professores que estão para aposentar, e eles já passaram a sentar com a gente: [demonstra fala de professores] “Olha, é assim, assim, assim, assim, assado, eu vou deixar o meu legado pra vocês”. Então, assim, é um aprendizado assim, todos os sentidos.

Letícia: Ótimo. Muito bonito isso. É... eu só tenho mais uma pergunta, e... agora eu queria que você falasse um pouco como é que você enxerga, né? O cenário atual da educação especial, né? No contexto que você achar relevante, né?

Gláucia: Tá, é... eu acho que a educação especial tem muito ainda a avançar aqui no Brasil, porque o certo seria a inclusão social, né? Não acredito na inclusão do surdo, porque o surdo precisa do seu espaço linguístico, ele precisa desenvolver a sua cultura, ele precisa desenvolver a sua identidade, então, o surdo precisa do seu espaço mesmo, mas seria muito interessante ter uma escola mista, onde eu ouvintes e surdos estudassem juntos e os dois acessassem português e Libras, seria muito interessante, gostaria que isso acontecesse, é... mas é uma utopia, né? E aqui no Brasil, a inclusão social, eu acredito que ela não funciona como ela deveria funcionar, porque alguns alunos realmente, eles são fáceis, né? De se adaptar às turmas, de se adaptar à escola, mas tem outros alunos que necessitam de um professor ou um auxiliar, alguém que fique realmente do lado, tipo um pra um mesmo, né? Que pegue na mão, que sente, que oriente, né? Então, infelizmente nós não temos esse... essa quantidade de profissionais, né? Pra colaborar com a educação especial, então, eu acho que hoje, as coisas não funcionam. Na minha escola, a gente cria estratégias pra que as coisas possam funcionar, mas ainda assim não é o adequado, porque falta profissional mesmo, falta pessoas pra trabalhar com a educação especial.

Letícia: Bom, eu acho que se você quiser falar mais alguma coisa [inaudível].

Gláucia: Não só pessoas, como incentivo também, né? Incentivo é... político, né? De material, de recursos, né? Então, falta, falta tudo. A gente confecciona nossos materiais muitas vezes usando sucata, né? A gente vai se virando com a sucata, a maioria dos... do material de surdocegueira é a base de sucata, porque muitas vezes a gente não tem realmente esses, esse recurso financeiro pra poder trabalhar o material adequado. Eu tenho assim, muita coisa pra falar, mas assim, as coisas aparecem, somem.

Letícia: É, isso que eu posso sugerir agora, sendo que as perguntas que eu tinha planejado eu já fiz, então, se você sentir necessidade de acrescentar alguma coisa, algo que você considere relevante para estar compartilhando, pode ficar à vontade.

[dificuldade de comunicação devido a falha em microfone]

Letícia: Não, desculpe, é...só pra assim, pra essa finalização, se quiser acrescentar alguma coisa que você considere relevante que não tenha falado, ou quiser fechar algo de uma forma, você pode ficar, assim, a vontade pra algo que você quiser compartilhar a mais.

Gláucia: Sobre a surdocegueira, gostaria de deixar bem claro que rotina é importante, antecipação de tudo que o aluno vai fazer é importante, você tem que descrever tudo que vai acontecer no dia, é... outra coisa também, as coisas não devem aparecer magicamente na frente deles, né? Então, por exemplo, [simula uma fala em aula] “Olha nós vamos trabalhar hoje, a gente vai pintar uma atividade” e aí o lápis de cor aparece, né? Não, ele tem, você tem que caminhar até o local onde esse lápis está guardado, pegar o lápis, explicar: [demonstra fala ao aluno] “Oh, aqui é o lugar do lápis”. Então, voltar pra carteira, porque a gente precisa da..., a palavra chave é autonomia, então, quando a gente vai trabalhando essas coisas, a gente vai trabalhando a autonomia de cada um deles, né? Até que um dia esse aluno consiga levantar, se locomover pelo espaço, pegar o seu próprio lápis e sentar, então, às vezes a gente tem a tendência: [simula uma fala] “Ah, coitadinho, né? É surdocego, pera ai, deixa eu fazer por ele”. Não, a gente não deve fazer por ele, a gente tem que além de orientar, né? Todo o processo, tem que explicar tudo o que eles vão fazer e explicar onde está as coisas, o que que é, qual é a cor. Ah, mas vai trabalhar cor? Não, é importante você trabalhar a cor, ele tem que saber que cor que é aquela, por mais que ele não enxergue, mas ele tem que saber que tá usando verde, e aí você pode associar o verde com um aroma né, você pode colher a grama e: [simula fala a estudante] "Olha! Cheira! Pega!" ou "Toca a grama! Olha como é fresquinho. É o verde", né? O amarelo, a gente pode associar com a questão do Sol, leva lá fora no Sol: [simula fala a estudante] "Olha aqui ó, olha lá pra cima, né? Você vai sentir que vai ter um brilho, né? Um calor, e a gente pode ir associando as cores às coisas que estão à nossa volta, pra que ele pelo menos tenha essas sensações de... [pausa].

Letícia: Tenha essas relações sensoriais.

Gláucia: Exatamente.

Letícia: Bom, assim, não sei, se quiser fazer algum fechamento, alguma... alguma coisa pra gente que não tá tão envolvido na área também... que seja importante a gente considerar

Gláucia: Tanta coisa, mas é tanta coisa, eu acho que eu deveria ter me organizado mais também, né? Ter feito um...

Letícia: Não, tranquilo assim, é...

Gláucia: Um resuminho pra falar alguma coisa pra você, né? E hoje o dia foi assim tão... meu Deus! A Bia... tocou o terror lá hoje.

Letícia: Tudo bem, tudo tranquilo, a experiência é isso mesmo, né? De você responder de acordo com o que vier e se não vier tudo bem, é isso mesmo assim, o processo, né? espontâneo, né? Do que vier de considerável pra você.

Gláucia: Entendi, cada dia é um dia entendeu? Isso... tem dia que eu saio de lá e falo: [demonstra sua fala] " Nossa, meu Deus, eu consegui fazer tanta coisa!", e tem dia que eu falo, como foi o dia de hoje, porque eu não consegui trabalhar absolutamente nada do que eu planejei com ela, absolutamente nada, então, você... sai um pouco assim, né? Desmotivada, mas ao mesmo tempo você pensa assim, não, não não não, eu trabalhei bastante coisa sim, porque eu consegui cantar com ela, eu consegui acalmar ela né? Então assim, eu acho que ela já tá ficando já, é... como que posso dizer? Ela já tá bem... Como que eu posso dizer? Na música? Já já ela vira uma musicista, e ela já vai começar a cantar "Secos e Molhados", que é o que eu mais canto com ela, e... e é isso, ela presta atenção, ela para um pouco com a música e ao mesmo tempo tá doendo, e ela se machuca, e hoje ela tava me machucando também, porque eu acho que tava doendo demais, né? Então... e é isso, é ter que lidar com tudo isso, com esses desconfortos, você tem que lidar com o cocô, você tem que lidar com o xixi, não adianta você falar assim: [demonstra fala] "Nossa, mas eu sou formada em Arte! Aí, eu tenho uma pós-graduação em surdocegueira", você vai lidar com cocô também, entendeu? Faz parte, porque por exemplo, hoje mesmo ela queria ir ao banheiro, mas eu tinha que ir junto, porque senão ela não ia, e ela com todo esse problema digestivo, eu precisei acompanhar no banheiro, porque senão ela não vai, né? Então, foi eu e a enfermeira pro banheiro, então, a gente tem que tirar todas essas... [pausa]

Letícia: [inaudível]

Gláucia: Que mais que eu posso falar? Da Bia, da Bia em especial, né? Porque...

Letícia: O que você quiser, se achar que encerrou...

Gláucia: E é isso, né? Eu já comentei com você, eu já comentei com você que cada surdocego é de um jeito, a gente tinha o Gabriel, que é acadêmico, é um surdocego que ele queria fazer faculdade, ele não entrou na faculdade porque ele não tem recursos financeiros, mas é um menino que... ia assim, ah... é... o Gabriel, ele tem, a experiência dele, né? O forte dele é montar maquete, ele monta maquete assim, gente..., que você fica assim: [demonstra reação] "Ah, nossa!", uma vez ele montou a Avenida Paulista, com todos os detalhes, né? De caixinha de papelão, e você fala assim: [demonstra fala] "Nossa!", você fica fascinada. E aí você tem, por exemplo, a gente tem o Luíz Otávio, na minha escola também, que é um surdocego total, esse não tem é... não, ele tem um resíduo auditivo e cegueira total, o Luiz Otávio também é um que vai longe também, ele é muito esperto, tem... tem perspectiva sim pra... pra..., tem capacidade acadêmica, né? Aí nós temos também ali, o Marcelinho, que também é outro menino também super esperto, que também acredito que vá chegar no Braille, né? Porque tem isso também, tem o desafio, será que eu vou chegar no Braille como ele? Uma coisa é você ensinar a letrinha na mão, por exemplo, a Beatriz sabe que o B é da... a letrinha dela, ela sabe fazer o nome dela, mas ela tem noção do que é aquilo? Ela só repete, né? Então, legal seria se

a gente conseguisse chegar no Braille, que ela conseguisse pegar um livro e ler, e isso, eu não tenho essa expectativa, infelizmente, com a Beatriz. Mas com outros surdocegos sim.

Letícia: Bom, é... tem essa..., que eu acabei não perguntando, né? Essa questão da leitura também, né? Que aí no caso seria... Uma das formas a partir do Braille, né?

Gláucia: Sim, uma das formas de leitura, na verdade é... é a única forma de leitura, né? Deles, é o Braille. Mas, assim, eles começam aprendendo com uma espécie de letras móveis, né? Então, o A, faz a lettrinha A mesmo, ele toca, então, primeiro eles aprendem conhecendo a letra, aí depois que eles vão pro Braille, né? Todas as letras em texturas, então, primeiro eles aprendem a escrever, aprendem a não ler, né? Mas a escrever usando as lettrinhas móveis, e aí pra aprender a ler eles já transformam as letras, né? No braille. Então, e leitura pra Bia é isso, é quando eu faço essa... esse momento fofoca, na verdade é uma espécie de..., né? De... de...de leitura, eu estou colocando vocabulário ali pra ela, né? Às vezes eu até conto uma história, falo oh é fofoca, mas é uma historinha que eu to contando ali pra ela, então, é mais ou menos uma espécie de... de leitura mesmo, né? A própria lenta da mandioca, né? É uma forma de... de leitura.

Letícia: A lenda da mandioca... é... você comentou em um outro encontro, mas se quiser também fala rum pouco mais detalhadamente aqui, que é um processo bem bonito.

Gláucia: Sim, é... a gente começou a trabalhar a lenda da mandioca com a própria mandioca, então, eu enviei uma mandioca, fiz um kit, né? Enviei pra casa dela, porque ela ainda estava no... no ensino à distância, e nesse kit foi mandioca, é... farinha de mandioca, farinha de tapioca granulada, por quê? Porque eu orientei a mãe a pedir pra ela tocar, ensinar o sinal de mandioca, e cozinhar aquela mandioca, né? Então, segundo a mãe, a mãe cozinhou a mandioca, e fez um pão de mandioca com ela, aí a mãe disse que está me devendo, que disse que vai fazer um bolo de mandioca ainda com ela, pra usa a farinha, né? Granulada. E aí então, ela teve esse momento de tocar, de conhecer o sinal, que eu orientei a mãe, né? Como era o sinal, e de comer a mandioca, de sentir o sabor da mandioca, o aroma, [inaudível], pra ela identificar, né? O... pra ela identificar o... a personagem vai, digamos assim, na história, e aí depois a gente foi desenvolvendo o indígena, o que que é um indígena? Tem como eu explicar pra ela o que é o indígena? Não tenho como explicar pra ela: [demonstra suposta fala] "Olha, os indígenas são os povos originários...", não tenho como explicar isso pra ela, então, você tem que trabalhar como? Com as características, né? Então, eu trabalhei usando as penas, né? Do cocar, palhas no colar, né? Eu fiz a foto de uma indígena, e deixa eu ver se eu tenho aqui que fica mais fácil, eu não consigo..., eu sou muito visual, eu não sei trabalhar assim...

Letícia: Tá bem.

Gláucia: Espera só um instantinho, que eu acho que eu tenho aqui [busca no celular], eu vou... fica mais fácil, tenho, ó então, eu trabalhei, você está vendo? aqui ó? [mostra foto no celular]

Letícia: Sim.

Gláucia: Dá pra ver melhor, tá meio contra a luz. Trabalhar a foto da indígena, né? Seria aqui [aponta na foto] uma palha, o cocar e não dá pra ver direito, mas é um fundo amarelo, que faz um contraste bacana, que você tem que pensar nisso também, é uma coisa que eu não comentei com você, você tem que pensar no contraste, no relevo, então, aqui ó [aproxima celular da câmera pra mostrar detalhe], eu não sei se dá pra você perceber, a figura, ela tá num relevo.

Letícia: Sim.

Gláucia: Pra que ela possa perceber melhor o contorno, né? Então, eu trabalhei primeiro a figura da indígena pra trabalhar o sinal de indígena, e aí eu fui desenvolvendo todo o processo, né? Nisso ela voltou pra escola, ela voltou pro presencial, e aí o que é que aconteceu? Eu tive a oportunidade, até que foi bom, de produzir os personagens com ela, né? Que você acompanhou ela colando ali as peninhas das indígenas ali, e aí nós desenvolvemos os personagens da história, que são esse aqui ó [mostra foto no celular].

Letícia: Uhum, sim.

Gláucia: Tá, e aqui eu tenho a mandioca [aponta material tátil representando a mandioca na foto], que a menininha ai, a Mani [mostra foto de detalhe boneca representando Mani está parcialmente dentro de material da mandioca], que vira a mandioca, que a gente coloca dentro pra ela perceber que o personagem se transformou na mandioca, certo?

Letícia: Uhum.

Gláucia: Então, a gente, ela costurou, ela usou a máquina de costura, né? Deixa eu mostrar aqui pra você, porque... [busca no celular], ah não, esse eu já não tenho mais. Ela usou a máquina de costura, ela sentiu a vibração da máquina, então, ela punha a mão, ela sentia, né? A vibração, e... e foi bem bacana de confeccionar tudo isso, ela enchia, né? Os bonequinhos, ela... ela encheu com a espuminha tudo, e ela ajudou a confeccionar, daquele jeitinho dela, eu passava a cola: [demonstra fala par aluna] "Cola!", mas ela ajudou a confeccionar, e a... e a decorar os bonequinhos, né? Da história. Aí depois, a contação de história, é... eu chamei a professora de sala de leitura, pra fazer a contação de história com ela, e assim, uma coisa até interessante, porque eu fiz a... a antecipação com a Bia, né? Primeiro eu preparei: [demonstra fala com estudante] "Oh, olha! Você vai ter a hora de estudar, a hora do café, a hora da medicação, e depois da medicação eu vou chamar o Renatão.", que é o instrutor de libras da escola, [segue com demonstração de fala] "Pra gente fazer história!", e eu não falei que a Ani ia também, que a professora de leitura ia também, e quando a Ani chegou na sala, ela se desequilibrou, porque ela não tava esperando a Ani, né? Porque a gente decidiu de última hora, e ela ficou totalmente desequilibrada assim, e ela não queria mais ficar comigo, ela queria ficar no colo da Ani, só que eu uso o macacão de proteção, eu uso uma máscara mais

adequada, porque ela fica no meu colo, né? E aí ela não podia ficar no colo da Ani, porque não tinha esse macacão, e aí ela ficou meio que se mordendo, ficou meio que se beliscando, e saiu tudo fora daquilo que a gente já tinha planejado, né? Então, a Ani ia contar história, mostrar os bonecos, e eu ia fazer a interpretação, ela sentada no meu colo, e eu ia fazendo a interpretação pra ela, aí saiu tudo fora dos planos. No fim, assim, eu não sei contar história, eu tive que ficar mostrando o boneco e a Ani fazendo a interpretação pra ela, mas ela prestou atenção direitinho, e a gente conseguiu cumprir com o objetivo, que era contar a história da Lenda da Mandioca pra ela.

Letícia: Sim.

Gláucia: Usando os bonequinhos, mas a gente vai repetir pra... Porque é sempre assim, a gente só vai repetindo, repetindo, repetindo, até a hora que fica bonitinho, direitinho, e até a hora que ela, de repente, faça um sinal, da mandioca, do indígena..., que a minha vontade é essa, que ela pegue o bonequinho e já faça o sinal, associe o sinal com o personagem.

Letícia: Ah, que ótimo! É... [inaudível], enfim, esses processos, é... ah não sei, é... livre. Eu acho que a gente falou bastante coisa, assim, já estamos com mais de uma hora de entrevista, né? Mas é, está ótimo assim, acho que foram muitas informações bem relevantes, muitos exemplos, né? Muita coisa que..., caso objetivo da... dá pra gente mostrar, né? Mostrar essa realidade, mostrar esses contextos, né? Que têm pouca visibilidade e...

Gláucia: É, o que eu falo assim, pra mim a surdocegueira, eu já trabalho a um tempo, mas como professora de Arte, eu nunca tive essa preocupação de de fato assim, planejar aula pra eles, sentar e... e de fato, pegar ali, e ter a responsabilidade, a responsabilidade com eles. É claro que a gente sempre olha, propõe uma coisa, faz junto tal, trabalha junto, mas é totalmente diferente, então, esse ano é que eu estou tendo essa experiência, a minha experiência anterior maior, era com os alunos com múltiplas deficiências, né? Mas esse ano que eu comecei mesmo com a surdocegueira, então, eu ainda tenho muito a aprender, muito aprender, é uma... é assim, o aprendizado não para, é todos os dias, e muito pra estudar também, viu?

Letícia: Ahh, acho que assim, incrível! E... acho que a gente pode ir finalizando, a não ser que você queira também, acrescentar alguma coisa, eu acho que já temos bastante coisa, bastante informação.

[momento de combinados sobre compartilhamento de materiais revelantes a outras atividade da disciplina para qual a entrevista foi realizada]

Gláucia: Porque, por exemplo, agora mesmo com a pandemia, a Bia voltou pra sala de aula, e ninguém pensou num protocolo de atendimento pra ela, então, não temos um protocolo da prefeitura específico para surdocegueira. Temos sim, um protocolo dizendo que é aconselhável usar máscara e evitar tocar o rosto pra atender o surdocego, e aí você olha a realidade e você fala: [demonstra fala] "Tá, como que eu vou... vou usar luvas, né? Usar luvas

e evitar tocar o rosto com uma aluna como a minha.", né? Então, falta conhecimento, inclusive, da própria rede.

Letícia: É, assim, em poucos lugares, nesse contexto de pandemia, assim, poucos lugares se fala especificamente, né? Dessas camadas, desses recortes, de como as pessoas são afetadas de forma diferente. O máximo que eu ouvi a respeito é em algumas redes sociais específicas de pessoas que falam a respeito, né? Do assunto, né? Pessoas surdas, pessoas autistas, comentando sobre isso, mas a própria mídia assim, não têm.

Gláucia: Ah, no grupo próprio deles, né? Mas não existe, não existe, a rede tem seis escolas bilíngues e não está preparada pra essas escolas que ela tem, entendeu? Tem muitas falhas, muitas falhas, e eles não perguntam para os professores das escolas bilíngues, eles não perguntam para os surdos, eles determinam as coisas.

Letícia: Uhum, é bem complicado, né? Determinar coisas sem escutar a voz de quem que vive aquilo, né?

Gláucia: Os surdos, os surdos têm uma frase que marca, né? A cultura, a identidade deles que é [demonstra fala] "Nada por nós, [corrige] nada sobre nós, sem nós", é uma frase deles. É justamente por isso, porque todo mundo determina o que é bom pro surdo, ninguém pergunta pra ele o que é bom.

Letícia: Sim, é.. é bem assim, marcante, né? E isso expande pra todos os contextos, né? De... de minorias que não estão sendo escutadas, que são desconsideradas.

Gláucia: Todos passam pela mesma coisa, né?

Letícia: Sim.

Gláucia: E é isso mesmo.

Letícia: Isso.

[combinados de próximos compartilhamentos de informação e prazos para as atividades da disciplina]

Gláucia: Arte e deficiência têm tudo a ver, porque eu acho que tudo começa pela arte, entendeu? O deficiente ele aceita mais essa questão da arte, né? Então, o aluno com deficiência, ele... você consegue seduzir ele com a pintura, com... sei lá gente, acho que a arte e a deficiência têm tudo a ver, e eu fico pensando assim, a questão da sensibilidade mesmo, né?

Letícia: É, isso me lembra muito texto de uma outra disciplina assim, de multimídia assim, que eu tava lendo, e o autor, ele comentava sobre... não tenho tanto conhecimento, mas sobre

esses processos evolutivos assim, do cérebro, e... a importância da... da arte no processo evolutivo do ser humano, né? De sobrevivência, que ela é um tipo de conhecimento de foi importante pra sobrevivência, e ele coloca o... essas questões de lidar com o mundo, de lidar com a realidade, ver as possibilidades da realidade, mas fala sobre algo que é o conhecimento tácito, que ele tá associado a essa corporeidade, a esse tato, a esse contato, que é tão presente assim, nas artes, né? E que nessa teoria dele é algo que vem no ser humano, anterior a lógica assim, das... de outras disciplinas, é algo presente na estrutura cerebral do ser humano, assim... não tenho a maior propriedade pra falar sobre isso, mas quanto a arte, ela é algo tão interior, né?

Gláucia: Você pega o surdo, você pega o surdo, o surdo é expressivo, é teatro, né? O surdo é um ator, ele tá o tempo inteiro representando, ela tá o tempo inteiro expondo o corpo e trabalhando expressão, e você percebe isso e você fala assim [demonstra fala] "Poxa, isso daí é... é arte!".

Letícia: Sim.

Gláucia: Né? Ele tá ali se expressando ali daquela forma, e assim, e tem umas nuances, por exemplo, é pouco, pouquinho, você tem que fazer um biquinho, você tem, tem até uma coisa que eles falam aí, que saiu aí na moda de ficar reparando em intérpretes de Libras, as acetas que os intérpretes fazem, porque não tem como você interpretar sem fazer careta.

Letícia: Ah sim, tem umas coisas engraçadas.

Gláucia: É por aí, as caretas dos intérpretes, e a arte, ela seduz, ela conquista, ela...

Letícia: É muito intrínseca, eu acho que o ser humano assim, como forma de expressão, mas também forma de conhecimento, né? Algo até um pouco anterior à lógica, mas que também possa ter.

Gláucia: Exatamente, exatamente. E tudo começa com a arte, né? A garatuja, tudo começa com a arte.

Letícia: Sim. Acho que...

Gláucia: É isso, Letícia.

Letícia: Foi ótimo, assim, só tenho a agradecer por tudo que você compartilhou, né? A gente é... eu agradeço, eu acho que turma também agradece muito por é... esse compartilhamento, dos seus conhecimentos, das suas vivências, desses conhecimentos que a gente não tem acesso tão fácil assim, né? A gente tem que conversar com quem, com quem vive, né? Essas questões, pra realmente ter uma noção melhor desses contextos, e...

Gláucia: Eu não sou muito boa com as palavras, né? Mas é por isso que eu sempre convido, venham olhar o meu trabalho, eu gosto de mostrar o que eu faço, mas com as palavras eu sou péssima, péssima, péssima. Mas é isso, você querendo ver o meu trabalho, estou à disposição pra qualquer coisa que você precisar, qualquer coisa ai, qualquer dúvida, pode tá me chamando.

Letícia: Muito obrigada. Agradeço bastante.

Gláucia: Nada, magina.